

# Sujeitos omitidos em frases coordenadas canónicas finitas e subordinadas adverbiais integradas e não integradas\*

*Nádia Canceiro*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
nadia.canceiro@campus.ul.pt

## Abstract

This work aims to analyze coordinate sentences and subordinate adverbial clauses where one subject is omitted, in order to determine their structural differences or similarities and the sort of referential relations established between the subject and its antecedent. These constructions frequently have been treated in a similar way, in what concerns their structure and the type of the anaphoric relations presented by the omitted subjects. This study shows that the referential behavior subjects exhibit goes beyond the classic opposition between coordination and adverbial subordination by reflecting differences concerning these constructions that have not been considered so far.

**Keywords:** coordinate sentences, subordinate adverbial clauses, subjects, co-reference, syntactic structure.

**Palavras-chave:** frases coordenadas, orações subordinadas adverbiais, sujeitos, co-referência, estrutura sintáctica.

## 1. Introdução

### 1.1 Objectivo e metodologia

Este trabalho pretende fornecer pistas relativamente à análise de estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais. Tendo em conta que os trabalhos que tratam questões relacionadas com coordenação e subordinação não são consistentes nas suas abordagens, e que, dependendo das estruturas em análise, são adoptadas análises de Adjunção ou análises em que se considera que a estrutura adequada é a de Especificador-Núcleo-Complemento, pretendemos mostrar que não há consenso nas abordagens e que também os juízos dos falantes sobre quais as leituras preferenciais destas estruturas não são consistentes.

Em trabalhos de alguns autores, as propostas de tratamento das construções coordenadas canónicas e subordinadas adverbiais têm sido aproximadas, dado que tanto coordenadas como subordinadas são analisadas ora em termos de uma estrutura Especificador-Núcleo-Complemento (Johannessen, 1998; Matos, 1995; Colaço, 1998; Cinque, 1999, e.o.), ora em termos de adjunção (Munn, 1993; Haegeman, 1991). Por outro lado, existem vários argumentos a favor e contra cada uma destas estruturas para coordenação, que permitem distinguir coordenação integrada de coordenação parentética, e argumentos empíricos para distinguir coordenação de subordinação (ver Matos, 2003, 2006).

Com este trabalho, que tem como ponto de partida um trabalho iniciado em seminários de mestrado, pretendemos contribuir para a compreensão desta questão. Assim, observaremos o comportamento

---

\*Agradeço os comentários feitos pelos revisores, especialmente a um deles que me forneceu pistas relevantes para o meu trabalho e também a quem esteve presente na apresentação deste trabalho no Encontro da APL em Coimbra.

referencial dos sujeitos que ocorrem em construções que envolvem coordenação oracional, paralelamente ao daqueles em que ocorre subordinação adverbial, com o objectivo de, a partir das relações referenciais que entre eles se estabelecem, encontrarmos pistas relevantes para a definição da estrutura envolvida em cada uma das construções. Considerando que, classicamente, se assume que a estratégia de Extracção Simultânea (*Across-the-board*) só é possível em coordenação, mas que, pelo contrário, propostas mais recentes como a de Nunes (2001, 2004) defendem que as estruturas subjacentes a frases com constituintes ATB ou lacunas parasitas são idênticas. Assim, com o trabalho desenvolvido, espera-se que os testes de comportamento referencial dos sujeitos efectuados nestas construções nos possam fornecer indícios quanto aos aspectos que aproximam e separam as estruturas, uma vez que a análise do comportamento dos sujeitos entre as orações envolvidas será importante, dado que as relações de co-referência são parcialmente determinadas por restrições estruturais (os Princípios da Teoria da Ligação).

Para esta análise assumir-se-á o quadro teórico da Teoria de Princípios e Parâmetros. Os exemplos não são retirados de *corpora* e os juízos são baseados no meu conhecimento enquanto falante de Português Europeu e confirmados em testes de juízo de valor de verdade com outros falantes.

## 2. Propostas clássicas para estruturas coordenadas canónicas e subordinadas adverbiais

A coordenação e a subordinação permitem a formação de estruturas frásicas complexas. As estruturas coordenadas e subordinadas podem ser classificadas como integradas, não integradas ou parentéticas, consoante a sua coesão com a frase a que estão articuladas. Neste estudo, considerar-se-ão as estruturas de coordenação integrada e as de subordinação adverbial integrada e não integrada.

De acordo com Matos (2003, 2006, 2009) e Matos & Colaço (2011), as estruturas de coordenação parentética (apositivas ou flutuantes) exibem propriedades distintivas face às coordenadas integradas. Assim, considera-se que apresentam marcas prosódicas, que separam a parentética fixa apositiva da expressão nominal que modifica; admitem a presença de marcadores parentéticos, como *por sinal, pelos vistos, por acaso*, e.o.; e cancelam os efeitos de infracção do Princípio C da Teoria da Ligação, uma vez que permitem que expressões referenciais plenas sejam co-referentes com um pronome que lhes é exterior e que aparentemente as c-comanda. Tal como referido em Matos (2006, 2009) as estruturas de coordenação parentética apositiva partilham várias propriedades com as subordinadas relativas apositivas e, por esse motivo, neste trabalho apenas se consideram frases coordenadas integradas, daqui em diante referidas apenas como frases coordenadas.

Quanto ao grupo de estruturas subordinadas, entendemos serem relevantes as orações adverbiais por serem várias vezes aproximadas às coordenadas, quer em termos de partilha de propriedades, quer em termos de configuração estrutural.

A distinção entre coordenação integrada e subordinação adverbial nem sempre é fácil de estabelecer. Essa distinção é dificultada pelo facto de ambas as construções partilharem várias propriedades, como, por exemplo, o facto de ser possível, em algumas estruturas de coordenação frásica, inferir valores semânticos usualmente associados às orações subordinadas adverbiais, como o valor temporal nos seguintes exemplos:

- (1) a. Quando cheguei a casa, percebi que tinha havido um assalto.  
b. Cheguei a casa e percebi que tinha havido um assalto.
- (2) a. O Pedro entrou em casa quando a Maria estava a sair.  
b. O Pedro entrou em casa e a Maria estava a sair.

Também, tal como referido em Lobo (2003), os comportamentos sintácticos destes dois tipos de construções são semelhantes por “constituírem proposições fechadas ou totais, não funcionando como argumento nuclear integrado noutra proposição nem como modificador de um argumento nuclear” (Lobo, 2003: 18).

No entanto, as construções coordenadas e as subordinadas apresentam diferenças entre si, nomeadamente a mobilidade (veja-se (3) para frases coordenadas e (4) para subordinadas adverbiais), que

é possível em algumas adverbiais, mas não nas coordenadas e a possibilidade de as conjunções coordenativas articularem constituintes não fráscicos (tal como exemplificado em (5)):

- (3) a. O Pedro come um bolo e bebe leite.  
 b. \*Bebe leite e o Pedro come um bolo.  
 c. \*E bebe leite (,) o Pedro come um bolo<sup>1</sup>.
- (4) a. O João chega atrasado porque sai tarde do trabalho.  
 b. Porque sai tarde do trabalho, o João chega atrasado.
- (5) a. O João e a Joana são colegas de trabalho. (coordenação de sintagmas nominais)  
 b. Ontem, o Pedro foi ao teatro e ao cinema. (coordenação de sintagmas preposicionais)

A sensibilidade à natureza finita ou infinitiva das frases que encabeçam é outra propriedade referida como distintiva da coordenação face à subordinação (Matos, 2003, 2004). Em (6), apresentam-se frases coordenadas, que, por oposição às subordinadas em (7), não apresentam a sensibilidade referida:

- (6) a. Ele disse que queria ter boa nota e que estudou para isso.  
 b. Ele disse querer ter boa nota mas não ter estudado para isso.
- (7) a. Ele disse que queria ter boa nota porque estudou para isso.  
 b. \*Ele disse querer ter boa nota porque ter estudado para isso.

Na literatura, as representações sintáticas para as estruturas coordenadas e para as orações adverbiais são, por vezes, semelhantes, não permitindo distinguir estas construções. Assim, para as frases coordenadas canónicas, foram apresentadas tanto hipóteses de adjunção de um operador booleano (BP) (Munn (1992, 1993, 1999), como de Especificador-Núcleo-Complemento (Kayne, 1994; Johannessen, 1998; Matos, 1995, 2003, para o Português Europeu). No caso das subordinadas adverbiais, Cinque (1999) propõe uma configuração em que estas orações se encontram na posição de especificador de núcleos verbais vazios internos a VP; para o Português Europeu, Lobo (2002, 2003) assume uma estrutura de adjunção à direita ou à esquerda.

Apresentam-se, de seguida, as propostas de cada autor:  
 Hipótese de configuração de Especificador-Núcleo-Complemento para adverbiais e estruturas coordenadas:

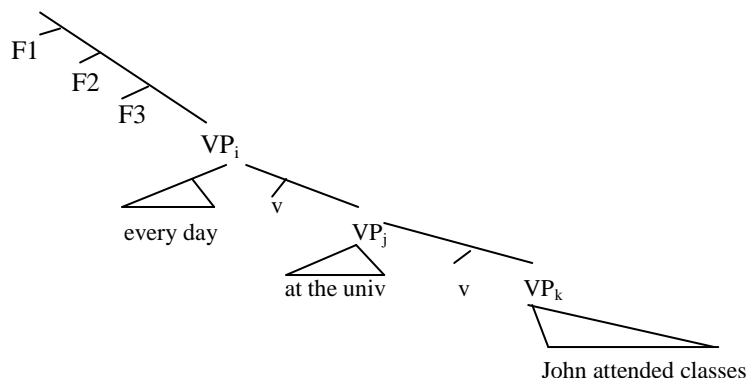


Figura 1: Modificadores adverbiais do sintagma verbal; Cinque (1999 : 30)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> A estrutura em que a conjunção também é movida é questionável, mas assumimos que nestas frases a projecção de Conj' é movida para a posição inicial.

<sup>2</sup> Na figura 1 apresenta-se a estrutura proposta por Cinque (1999) para modificadores adverbiais baixos, o que os distinguiria de modificadores adverbiais altos, como os modais *possivelmente* ou avaliativos como *felizmente*.

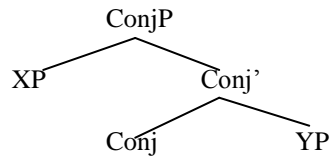


Figura 2: Estruturas coordenadas  
 Kayne (1994), Johannessen (1998), Matos (1995, 2003), Colaço (1998, 2005)

Hipótese de Adjunção para orações adverbiais e estruturas coordenadas:

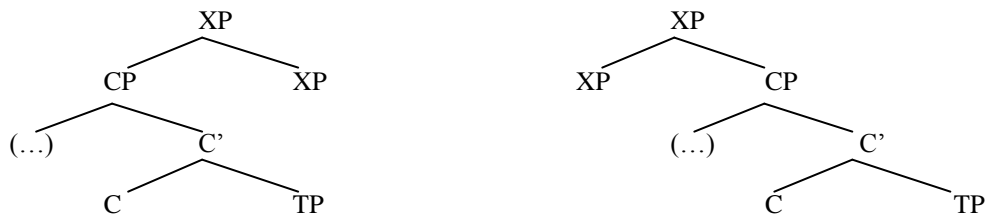


Figura 3: Orações subordinadas adverbiais à esquerda e à direita  
 Lobo (2002, 2003), Haegeman (1991), Chomsky (1981, 2004), Ernst (2002)

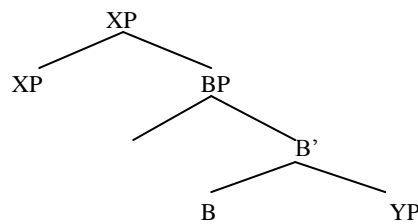


Figura 4: Estruturas coordenadas  
 Munn (1992, 1993, 1999)

Contudo, as estruturas apresentadas para coordenação e subordinação não são consensuais e foram já alvo de várias objecções. No caso das frases coordenadas, admite-se que tanto a configuração de adjunção como a de especificador-núcleo-complemento permitem a coordenação de elementos de categorias diferentes e também captar a preponderância do primeiro termo, face ao segundo. No entanto, apenas a estrutura de especificador-núcleo-complemento consegue captar o facto de ambos os termos serem seleccionados pela conjunção e, por isso, a hipótese de adjunção é objectada (veja-se Matos (2004, 2009)), uma vez que permite a formação de estruturas em que apenas existe a conjunção e o seu complemento. As frases subordinadas tendem a ser analisadas em termos de adjunção, visto que partilham várias propriedades com os adjuntos (é possível a ocorrência de múltiplos adjuntos e a sua posição é variável). Porém, se alargarmos a proposta de Cinque (1999) para os modificadores adverbiais, analisaremos as frases adverbiais em termos da estrutura de especificador-núcleo-complemento. Se forem frases adverbiais modificadoras do sintagma verbal serão geradas na base à esquerda dentro de um VP como especificadores de núcleos verbais vazios. De forma a derivar a posição final do adjunto, o VP seria movido sucessivamente para a posição de especificador de núcleos funcionais vazios; se forem

modificadores de outros núcleos funcionais de frase, serão gerados como especificadores desses núcleos funcionais.

Através da observação das representações e das suas características apresentadas, é possível perceber que, independentemente das diferenças de comportamento que a coordenação frásica e a subordinação adverbial apresentam entre si, os dois tipos de processos de formação de frases complexas têm sido alvo de tratamentos semelhantes a nível estrutural.

Tomar-se-ão como ponto de partida as estruturas propostas na literatura para frases coordenadas (Especificador-Núcleo-Complemento) e para frases adverbiais (Adjunção), deixando para trabalho futuro uma análise detalhada das potencialidades de uma representação das adverbiais como em Cinque (1999).

No entanto, com este trabalho será possível mostrar que há aspectos específicos da referência entre sujeitos nas subordinadas e nas coordenadas que não foram inicialmente vistos na literatura.

### 3. Comportamento referencial de sujeitos em frases coordenadas e subordinadas

Em estruturas de coordenação em que as duas orações ocorrem de forma contígua e partilham o mesmo sujeito pré-verbal, assume-se que a omissão de um segundo sujeito decorre da estratégia de extracção simultânea do sujeito de ambos os termos, sendo que se considera que o constituinte omitido é uma cópia-A (ver Costa & Matos 2012). Assim, neste tipo de frases coordenadas com sujeitos omitidos que apresentam a configuração de extracção simultânea, a instância do sujeito realizado ocupa uma posição pré-verbal, local de onde *c*-comanda o elemento que se encontra omitido, que é uma cópia-A deixada por movimento. Em línguas como o Português Europeu (língua que admite sujeitos nulos), em frases coordenadas em que os sujeitos são co-referentes, considera-se que a estratégia preferencial será a de extracção simultânea e não a de inserção de *pro*, embora esta seja possível.

Admite-se que a inserção de *pro* ocorre apenas em estruturas em que o sujeito do primeiro termo coordenado é pós-verbal (veja-se (8)) e em frases coordenadas não integradas em que há uma fronteira discursiva a separar as frases (ver (9)):

(8) Chegou o João e *pro* arranjou logo problemas.

(9) O João chegou a casa. E, cinco minutos depois, *pro* ligou a televisão.

Aceitando a posição clássica, Brito (1991), Costa *et al.* (1998), Lobo (2013) admitem, em frases subordinadas como (10a, b) que o sujeito omitido é *pro*, uma vez que pode ser substituído por um pronominal realizado:

(10) a. O João<sub>i</sub> disse-me que *pro*<sub>i</sub> ia de férias para Paris.

b. O Pedro<sub>i</sub> disse que *pro*<sub>i</sub> comeu dois bolos.

Em frases como (11a.) e (11b.), a realização do pronome lexical permite, face ao sujeito da oração matriz, a interpretação disjunta (pelo que a sua ocorrência não contraria o Princípio Evitar Pronome) ou co-referente, no caso de o pronome ser produzido de forma focalizada (e.g. Costa & Matos, 2012; Lobo, 2013):

(11) a. O Pedro<sub>i</sub> disse que ele<sub>ij</sub> comeu dois bolos.

b. O Pedro<sub>i</sub> disse que *ELE*<sub>i</sub> comeu dois bolos.

Contudo, existem outros trabalhos, como o de Hornstein (1999), que assume que não existe PRO, não existem duas cadeias argumentais autónomas nestas estruturas e exclui o módulo de controlo da Gramática. Landau (2003) apresenta uma versão mais tradicional da teoria de controlo, mantendo a existência de PRO e de duas cadeias argumentais autónomas, e mostrando que a teoria de controlo como movimento proposta por Hornstein não explica várias propriedades associadas a estas estruturas.

Hornstein (1999) assume que os adjuntos à direita (como, por exemplo, as orações adverbiais integradas) devem ser tratados como casos de controlo obrigatório (OC), derivado através de *sideward movement* (Nunes, 2001, 2004). No entanto, para Hornstein, os casos de controlo não obrigatório (NOC) ocorrem sempre que não é possível obter uma estrutura de elevação e então, como último recurso, é

inserido um *pro* na posição de sujeito controlado. Assim, o autor assume que as construções de NOC apresentam propriedades pronominais.

Porém, tal como Landau (2003) refere, esta análise não explica por que motivo a estratégia de *sideward movement* não é admitida em estruturas com adjuntos em posição inicial (posição tipicamente associada a estruturas de controlo não obrigatório com sujeitos omitidos), uma vez que também seria possível mover (através do recurso a esta estratégia) o sujeito da oração adverbial em posição inicial para uma posição na frase matriz.

Também em Lobo (2013) é referido que as estruturas de controlo não obrigatório correspondem a orações adjuntas, sendo que o sujeito omissivo não tem um antecedente fixo obrigatório. Assim, o sujeito omissivo pode ter uma interpretação indefinida ou pode ter como antecedente um dos argumentos da oração principal e, por isso, assume-se que em orações adverbiais finitas o sujeito corresponde a *pro*, uma vez que, sendo realizado como *pro* ou como pronome lexical, obtém-se a mesma leitura preferencial.

Por se considerar que o tratamento dos sujeitos nestas estruturas não é consensual e que as relações que se estabelecem entre os constituintes realizados e os omitidos nos podem fornecer pistas quanto às estruturas subjacentes a este tipo de frases, apresentam-se de seguida as hipóteses de trabalho que sugerimos.

### 3.1. Hipóteses

De modo a melhor compreender qual é, de facto, a estrutura presente em estruturas coordenadas e subordinadas, efectuaram-se testes de juízo de valor de verdade que nos permitem aferir qual a configuração estrutural presente. Ter-se-ão em conta os juízos dos informantes acerca destas estruturas, que pretendem testar co-referência, como forma de obter pistas em termos das questões de ligação que se estabelecem entre os sujeitos. O carácter destes testes insere-se no âmbito de um trabalho exploratório preliminar com cerca de 10 informantes, sendo que foram apenas consideradas estruturas de coordenação integrada e frases adverbiais integradas no *vP* e não integradas no *vP*, i.e. associadas a TP, ou a TP e a CP. Tendo em conta as estruturas típicas propostas para a coordenação e a subordinação, colocámos duas hipóteses:

**Hipótese A:** As coordenadas e as subordinadas adverbiais comportam-se da mesma forma e têm estruturas semelhantes.

**Hipótese B:** As coordenadas comportam-se da mesma forma entre si e diferem das subordinadas adverbiais, que também se comportam da mesma forma entre si, pelo que têm estruturas diferentes.

Com o propósito de aferir as relações que se estabelecem entre os sujeitos, foram efectuados testes onde sujeitos pronominais nulos, pronominais realizados e DPs plenos co-ocorrem numa estrutura coordenada ou numa estrutura de subordinação adverbial. De notar que, nas estruturas analisadas, a possibilidade de co-referência se deve ao facto de em todas as construções haver partilha dos traços- $\phi$  entre os verbos nos dois termos da estrutura coordenada ou entre os verbos da oração matriz e da adverbial. São exemplos das frases analisadas em testes de comportamento referencial de sujeitos:

- (12) a. O filho da Maria gosta de futebol e [-] joga basquetebol. (Coordenada aditiva)  
 b. O filho da Maria joga futebol mas ele adora basquetebol. (Coordenada adversativa)  
 c. Ou o filho da Maria joga futebol ou o Pedro adora basquetebol. (Coordenada disjuntiva exclusiva)  
 d. O filho da Maria joga futebol ou o Pedro adora basquetebol. (Coordenada disjuntiva inclusiva)
- (13) a. O filho da Maria chega atrasado porque [-] sai tarde. (Subordinada adverbial integrada)  
 b. O filho da Maria chega atrasado porque o João sai tarde.
- (14) a. O filho da Maria está feliz, embora [-] chore. (Subordinada adverbial não integrada à direita)  
 b. O filho da Maria ficou zangado, embora ele tenha pedido desculpa.

- (15) a. Uma vez que [-] sai tarde, o filho da Maria chega sempre atrasado. (Subordinada adverbial não integrada à esquerda)  
b. Desde que ele não chegue tarde, o filho da Maria pode sair.  
c. Desde que o Pedro não chegue tarde, o filho da Maria pode sair.

#### 4. Os dados

Os testes de comportamento referencial mostram que coordenadas e subordinadas partilham características mas que nem todas as coordenadas ou subordinadas se comportam da mesma forma. Apresentam-se de seguida exemplos de algumas frases testadas que apresentam padrões de co-referência semelhantes, excluem-se exemplos de frases subordinadas adverbiais antepostas por apresentarem um comportamento diverso.

O comportamento referencial mais distinto encontrado prende-se com a possibilidade / impossibilidade de co-referência com pronominais realizados no segundo termo frásico. Verificou-se que em frases coordenadas adversativas e disjuntivas existe a possibilidade de uma interpretação disjunta ou co-referente com sujeitos realizados na primeira frase:

- (16) Coordenadas adversativas:  
a. O filho da Maria<sub>i</sub> joga futebol mas ele<sub>ij</sub> adora basquetebol.  
b. Ele<sub>i</sub> joga futebol mas ele<sub>ij</sub> adora basquetebol.  
c. [-]<sub>i</sub> joga futebol mas ele<sub>ij</sub> adora basquetebol<sup>3</sup>.

- (17) Coordenadas disjuntivas:  
a. Ou o filho da Maria<sub>i</sub> joga futebol ou ele<sub>ij</sub> adora basquetebol.  
b. Ou ele<sub>i</sub> joga futebol ou ele<sub>ij</sub> adora basquetebol.  
c. Ou [-]<sub>i</sub> joga futebol ou ele<sub>ij</sub> adora basquetebol.

Também as estruturas subordinadas adverbiais integradas mostram este padrão referencial:

- (18) Subordinadas adverbiais integradas:  
a. O filho da Maria<sub>i</sub> chega atrasado porque ele<sub>ij</sub> sai tarde.  
b. Ele<sub>i</sub> chega atrasado porque ele<sub>ij</sub> sai tarde.  
c. [-]<sub>i</sub> chega atrasado porque ele<sub>ij</sub> sai tarde.

Diferentemente, as frases coordenadas aditivas e as subordinadas adverbiais não integradas à direita não apresentam a possibilidade de uma leitura co-referente com este tipo de sujeitos, vejam-se os seguintes exemplos:

- (19) Coordenadas aditivas:  
a. O filho da Maria<sub>i</sub> joga futebol e ele<sub>\*ij</sub> adora basquetebol<sup>4</sup>.  
b. Ele<sub>i</sub> gosta de futebol e ele<sub>\*ij</sub> joga basquetebol.  
c. [-]<sub>i</sub> gosta de futebol e ele<sub>\*ij</sub> joga basquetebol.

---

<sup>3</sup>Nas estruturas em (16.c), (17.c) e (18.c), os juízos dos falantes não são consensuais, uma vez que alguns rejeitam a leitura de co-referência.

<sup>4</sup>Nas frases em (19.a) e (20.a), a co-referência é possível com foco contrastivo sobre o pronome, ou com valor diverso da estrutura coordenada – esta assume um sentido adversativo.

(20) Subordinadas adverbiais não integradas à direita:

- O filho da Maria<sub>i</sub> ficou zangado, embora ele<sub>\*i/j</sub> tenha pedido desculpa.
- Ele<sub>i</sub> ficou zangado, embora ele<sub>\*i/j</sub> tenha pedido desculpa.
- [-]<sub>i</sub> ficou zangado, embora ele<sub>\*i/j</sub> tenha pedido desculpa.

Assim, tendo em conta os padrões observados, estabeleceu-se a existência dos grupos seguintes:

**Grupo 1:** Coordenadas Adversativas integradas;  
Coordenadas Disjuntivas correlativas;  
Subordinadas Adverbiais integradas.

**Grupo 2:** Coordenadas Aditivas integradas;  
Subordinadas Adverbiais não integradas à direita.

**Grupo 3:** Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda.

Apresentam-se, de seguida, as tabelas que ilustram as relações de comportamento referencial entre os sujeitos do primeiro termo coordenado (na horizontal) e os do segundo termo coordenado (na vertical). Nas estruturas de subordinação, os resultados são apresentados da mesma forma, sendo que na horizontal se encontram os sujeitos da frase matriz e na vertical os da oração adverbial.

Resultados dos testes de comportamento referencial para o Grupo 1:

1º termo 2º termo			
	[-]	pronome	DP pleno
[-]	✓	✓	✓
pronome	✓ / ✗	✓ / ✗	✓ / ✗
DP pleno	✗	✗	✗

Quadro 1: Comportamento referencial do Grupo 1

✓ - co-referente ✗ - disjunto

### Grupo 1 – descrição dos resultados:

Nestas estruturas, verifica-se a impossibilidade de co-referência dos sujeitos quando na segunda oração (segundo termo coordenado / oração subordinada adverbial) ocorre um DP pleno na posição de sujeito (veja-se (21) para orações coordenadas adversativas, (22) para coordenadas disjuntivas e (23) para orações adverbiais integradas). Este facto indica que existe uma relação de c-comando<sup>5</sup> do primeiro sujeito relativamente ao segundo, podendo os contrastes obtidos ser entendidos como efeitos do Princípio C da Teoria da Ligação.

<sup>5</sup> Assume-se, neste trabalho, definição de c-comando, definida em Reinhart (1976):

*A c-comanda B se*

*O primeiro nó ramificante que domina A ou domina B ou é dominado por um nó X<sub>2</sub> que domina B e X<sub>2</sub> é do mesmo tipo de categoria de X<sub>1</sub>.*



Exemplos:

- (21) a. O filho da Maria<sub>i</sub> joga futebol mas o Pedro<sub>\*i/j</sub> adora basquetebol.  
b. Ele<sub>i</sub> joga futebol mas o Pedro<sub>\*i/j</sub> adora basquetebol.  
c. [-]<sub>i</sub> joga futebol mas o Pedro<sub>\*i/j</sub> adora basquetebol.
- (22) a. (Ou) o filho da Maria<sub>i</sub> joga futebol ou o Pedro<sub>\*i/j</sub> adora basquetebol.  
b. (Ou) ele<sub>i</sub> joga futebol ou o Pedro<sub>\*i/j</sub> adora basquetebol.  
c. (Ou) [-]<sub>i</sub> joga futebol ou o Pedro<sub>\*i/j</sub> adora basquetebol.
- (23) a. O filho da Maria<sub>i</sub> chega atrasado porque o João<sub>\*i/j</sub> sai tarde.  
b. Ele<sub>i</sub> chega atrasado porque o João<sub>\*i/j</sub> sai tarde.  
c. [-]<sub>i</sub> chega atrasado porque o João<sub>\*i/j</sub> sai tarde.

Quando na segunda oração (segundo termo coordenado / oração subordinada adverbial) o sujeito é realizado sob a forma de um pronome, é respeitado o Princípio B, e existe a possibilidade de obter uma leitura co-referente. A opção de leitura disjunta assume-se como possível da mesma forma que, com um DP pleno na posição de sujeito.

Exemplos:

- (24) a. O filho da Maria<sub>i</sub> joga futebol mas ele<sub>i/j</sub> adora basquetebol.  
b. Ele<sub>i</sub> joga futebol mas ele<sub>i/j</sub> adora basquetebol.  
c. [-]<sub>i</sub> joga futebol mas ele<sub>i/j</sub> adora basquetebol.
- (25) a. Ou o filho da Maria<sub>i</sub> joga futebol ou ele<sub>i/j</sub> adora basquetebol.<sup>6</sup>  
b. Ou ele<sub>i</sub> joga futebol ou ele<sub>i/j</sub> adora basquetebol.  
c. (Ou) [-]<sub>i</sub> joga futebol ou ele<sub>i/j</sub> adora basquetebol.<sup>7</sup>
- (26) a. O filho da Maria<sub>i</sub> chega atrasado porque ele<sub>i/j</sub> sai tarde.  
b. Ele<sub>i</sub> chega atrasado porque ele<sub>i/j</sub> sai tarde.  
c. [-]<sub>i</sub> chega atrasado porque ele<sub>i/j</sub> sai tarde.

Apresentam-se as estruturas para o grupo 1, sendo que para este grupo, e para os seguintes, se assumem as representações clássicas por questões práticas.

Frases coordenadas adversativas (i) e disjuntivas<sup>8</sup> (ii):

---

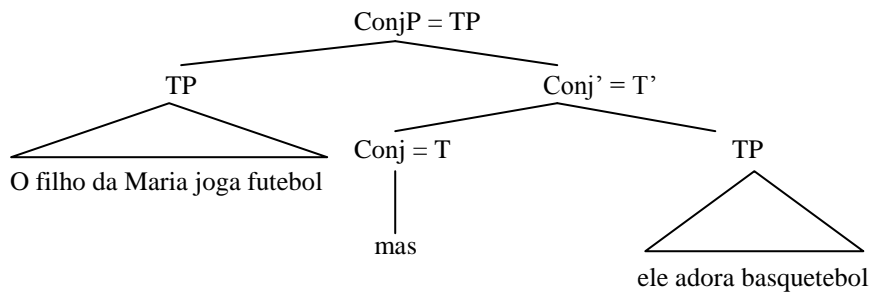
<sup>6</sup> Estruturas de coordenação disjuntiva não correlativa não foram testadas neste estudo, contudo serão objecto de trabalhos posteriores.

<sup>7</sup> Nas estruturas em (25.c) e (26.c), os juízos dos falantes não são consensuais, uma vez que alguns rejeitam a leitura de co-referência.

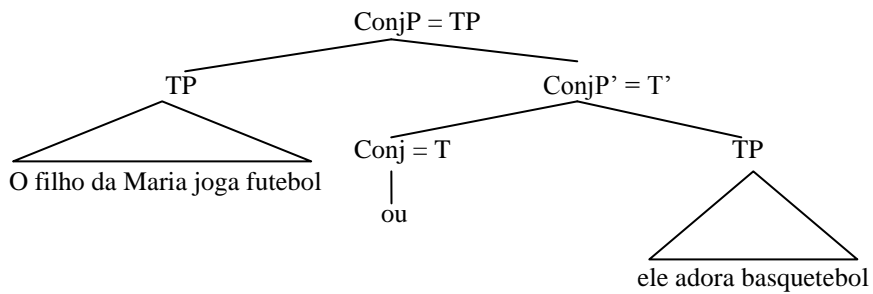
<sup>8</sup> Apresenta-se a estrutura de uma frase coordenada disjuntiva que não é correlativa, ao contrário dos exemplos apresentados previamente, porque as leituras preferenciais em coordenadas disjuntivas, correlativas ou não, nos pareceram ser semelhantes, embora apenas os resultados de um teste experimental o possam confirmar.

(27)

(i)

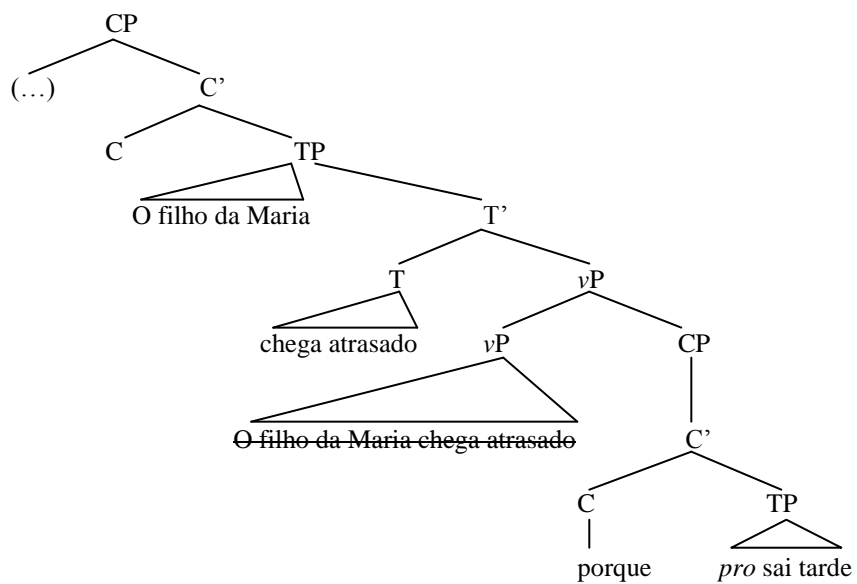


(ii)



Frases subordinadas adverbiais integradas:

(28)



Resultados dos testes de comportamento referencial para o Grupo 2:

1º termo 2º termo			
	[-]	pronome	DP pleno
[-]	✓	✓	✓
pronome	✗	✗	✗
DP pleno	✗	✗	✗

Quadro 2: Comportamento referencial do Grupo 2

✓ - co-referente ✗ - disjunto

### Grupo 2 – descrição dos resultados:

Nas frases do grupo 2, verificam-se igualmente efeitos do Princípio C da Teoria da Ligação. Quando na segunda oração (segundo termo coordenado / oração adverbial) o sujeito se realiza sob a forma de um DP pleno, tal impossibilita uma interpretação de co-referência, o que mostra uma relação de c-comando do primeiro sujeito relativamente ao segundo.

Exemplos:

- (29) a. O filho da Maria<sub>i</sub> gosta de futebol e o Pedro<sub>\*i/j</sub> joga basquetebol.  
 b. Ele<sub>i</sub> gosta de futebol e o Pedro<sub>\*i/j</sub> joga basquetebol.  
 c. [-]<sub>i</sub> gosta de futebol e o Pedro<sub>\*i/j</sub> joga basquetebol.
- (30) a. O filho da Maria<sub>i</sub> ficou zangado, embora o Pedro<sub>\*i/j</sub> tenha pedido desculpa.  
 b. Ele<sub>i</sub> ficou zangado, embora o Pedro<sub>\*i/j</sub> tenha pedido desculpa.  
 c. [-]<sub>i</sub> ficou zangado, embora o Pedro<sub>\*i/j</sub> tenha pedido desculpa.

Quando, nestas frases, o sujeito da segunda oração (segundo termo coordenado / oração adverbial) é um pronome realizado, a leitura de co-referência não está disponível. Nestes casos, a co-referência apenas é possível quando o sujeito da segunda oração está vazio (sendo que, em frases coordenadas, se assume que é deixada uma cópia-A), o que pode ser atribuído a um princípio de economia (Princípio Evitar Pronome, veja-se (31a.) e (31b.)) (Chomsky, 1981; Brito 1991; Costa, Faria & Matos, 1998; Costa & Matos, 2012):

- (31) a. Ele<sub>i</sub> gosta de futebol e [-]<sub>i</sub> joga basquetebol.  
 b. Ele<sub>i</sub> ficou zangado, embora [-]<sub>i</sub> tenha pedido desculpa.

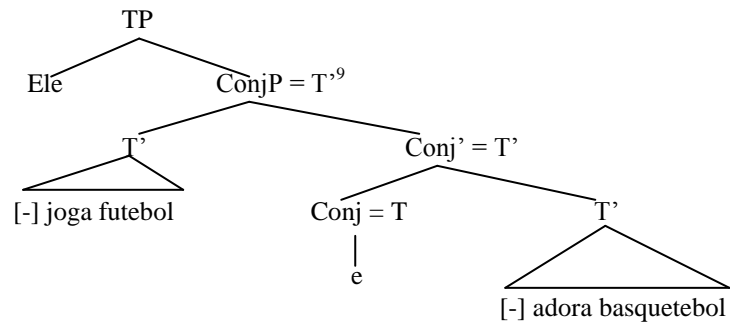
Nas frases coordenadas com sujeitos realizados pré-verbais, ocorrendo explicitamente no termo coordenado assume-se que é deixada uma cópia-A do constituinte movido para uma posição mais alta de sujeito pré-verbal de onde c-comanda a sua cópia (Costa, Faria & Matos (1998); Costa & Matos (2012)). Em subordinadas adverbiais não integradas, admite-se classicamente que o sujeito nulo é *pro*, contudo, visto que se assume que nestas estruturas não é possível a alternância com o pronome realizado, estas frases poderiam ser tratadas como um caso de controlo obrigatório, tratável como em Hornstein (1999). Contudo, nesse caso, não seria possível ter antecedentes separados (um constituinte não pode mover-se para dois pontos distintos). No entanto, os dados mostram que é possível a leitura com antecedentes separados, veja-se (32):

(32) [O filho da Maria]<sub>i</sub> cumprimentou [a Ana]<sub>j</sub>, embora [-]<sub>i+j</sub> estivessem zangados.

Apresentam-se, de seguida, as estruturas sintácticas para o grupo 2.

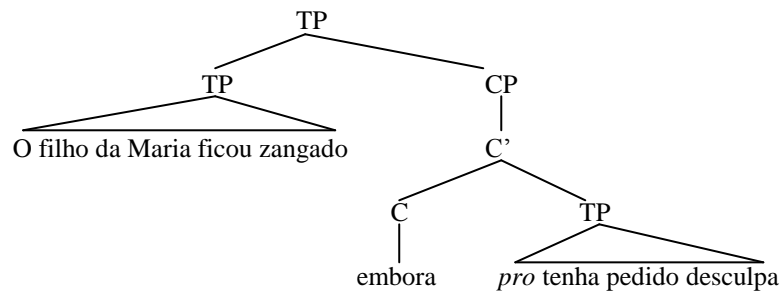
Frases coordenadas aditivas:

(33)



Frases subordinadas adverbiais não integradas à direita:

(34)



Consideremos seguidamente os resultados dos testes de comportamento referencial para o Grupo 3:

Matriz \ Adverbial	Adverbial		
	[-]	pronome	DP pleno
[-]	✓	✓	✓
pronome	✓	✓ / ✗	✓ / ✗
DP pleno	✓	✓ / ✗	✓ / ✗

Quadro 3: Comportamento referencial do Grupo 3

✓ - co-referente ✗ - disjunto

<sup>9</sup> De acordo com a *Bare Phrase Structure* (adoptada no Programa Minimalista) o nível T' seria apenas uma projecção não mínima de T, equiparável a TP.

**Grupo 3 – descrição dos resultados:**

Nestas construções, existe a possibilidade de o sujeito DP pleno da oração matriz ser co-referente com o sujeito da oração adverbial, quando este se realiza sob a forma de um pronominal, o que mostra a inexistência de c-comando.

Exemplo:

(35) a. Uma vez que ele<sub>i</sub> sai tarde, o filho da Maria<sub>i/j</sub> chega sempre atrasado.

Quando o sujeito da oração adverbial corresponde a um pronominal vazio, um pronominal realizado ou um DP pleno, é sempre possível obter uma leitura de co-referência relativamente ao sujeito da oração matriz, quando este é um pronominal.

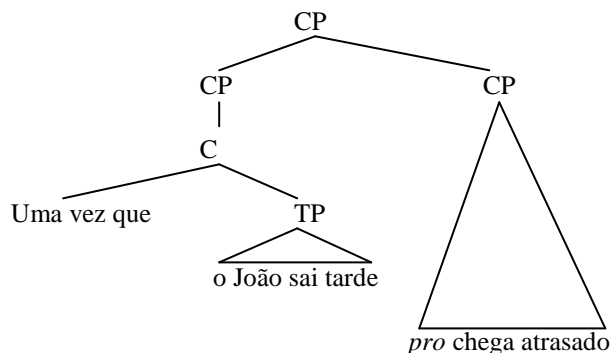
Exemplos:

- (36) a. Uma vez que [-]<sub>i</sub> sai tarde, ele<sub>i/\*j</sub> chega sempre atrasado.
- b. Uma vez que ele<sub>i</sub> sai tarde, ele<sub>i/j</sub> chega sempre atrasado.
- c. Uma vez que o Pedro<sub>i</sub> sai tarde, ele<sub>i/j</sub> chega sempre atrasado.

Apresenta-se de seguida a estrutura proposta para o grupo 3.

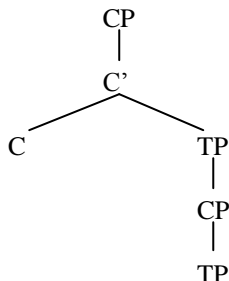
Frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda:

(37i)



A análise feita até este momento não nos permite optar pela representação em (37i) ou pela que se apresenta abaixo:

(ii)



Tendo em conta os resultados obtidos, nenhuma das hipóteses que colocámos inicialmente se confirma, dado que as construções em estudo manifestam um comportamento heterogéneo no que diz respeito às características referenciais dos sujeitos.

## 5. Observações gerais

A análise das relações de comportamento referencial permite perceber que o comportamento dos sujeitos pode fornecer pistas para refinar a análise relativamente às propriedades de frases coordenadas e subordinadas adverbiais. Assim:

- A existência de diferenças relevantes no que diz respeito a diferentes tipos de coordenadas e de subordinadas adverbiais levou-nos a postular a existência de 3 grupos.
- Dos grupos estabelecidos, o 1 (coordenadas adversativas, disjuntivas e orações adverbiais integradas) e o 2 (coordenadas aditivas e subordinadas adverbiais não integradas à direita) têm em comum o facto de corresponderem a uma estrutura em que o primeiro sujeito c-comanda o segundo, dado que a segunda oração se encontra numa posição estrutural mais baixa (veja-se (27(i)), (27(ii)), (28), (33) e (34)). Estes grupos distinguem-se entre si, no entanto, pelas diferenças que se estabelecem com sujeitos pronominais, sendo que tal se pode dever a uma interpretação focalizada dos sujeitos pronominais, embora estes não sejam produzidos dessa forma. Estas diferenças serão tratadas em trabalhos posteriores.
- O grupo 3 (orações adverbiais não integradas à esquerda) corresponde a uma estrutura diferente (veja-se (37)), uma vez que, contrariamente ao que acontece nos grupos 1 e 2, não existe uma relação de c-comando do sujeito da primeira oração (a oração adverbial) sobre o sujeito da segunda (a frase matriz), pelo que não se verificam efeitos do Princípio C. Quanto às estruturas coordenadas, se se assumir a hipótese de adjunção à esquerda, verificar-se-ão os mesmos efeitos em termos de c-comando.
- Considera-se ainda, tendo em conta as propriedades das estruturas de controlo descritas em Hornstein (1999), que as orações adverbiais não-integradas apresentam características que se associam à configuração de controlo não obrigatório. Assim, contrariamente ao que é proposto para as orações adverbiais integradas, a configuração não poderá ser de controlo obrigatório, uma vez que é possível, por exemplo, obter leituras disjuntas.

Pretendemos mostrar, com este trabalho, que o comportamento referencial exibido pelos sujeitos em frases complexas transpõe a oposição entre coordenação e subordinação adverbial. Podemos assumir que, tanto para a coordenação como para a subordinação, é possível adoptar a estrutura de Adjunção ou a de Especificador-Núcleo-Complemento, dado que produzem efeitos idênticos no que diz respeito ao aspecto que mostrámos ser crucial: a existência de uma relação de c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo. É, então, a existência ou não desta relação que vai determinar a distinção estrutural entre, por um lado, os grupos 1 e 2 e, por outro lado, o grupo 3.

Podemos, assim, entender os contrastes observados como o reflexo de distinções estruturais respeitantes a estes dois conjuntos de construções que não têm, até ao momento, sido consideradas.

## Referências

- Brito, Ana Maria (1991) *Ligação, co-referência e o Princípio Evitar Pronome*, *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*, Lisboa: APL, pp. 101-120.
- Brito, Ana Maria (2003) *Subordinação Adverbial* in Mateus, M. H., et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 695-766.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- Chomsky, Noam (1986) *Barriers*, Cambridge MA: The MIT Press.
- Chomsky, Noam (2001) *Derivation by Phase*. In Michael Kenstowicz, ed. *Ken Hale. A Life in Language*, Cambridge MA: The MIT Press.
- Cinque, Guglielmo (1999) *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*, New York/Oxford: Oxford University Press

- Colaço, Madalena (1998) Concordância parcial em estruturas de coordenação em Português Europeu, *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, vol. I, pp. 349-368.
- Colaço, Madalena (2005) *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extração*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Costa, Armanda, Isabel Faria & Gabriela Matos (1998) Ambiguidade referencial na identificação do Sujeito em estruturas coordenadas, *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, vol. I, pp. 173-188.
- Costa, Armanda & Gabriela Matos (2012) Processamento da co-referência e sujeitos anafóricos – dados sobre o Português Europeu e Brasileiro, *Revista Linguística – Co-referência anafórica: representação, aquisição e processamento* 8 (2), Dezembro 2012, ISSN Versão Digital: 2238-975X.
- Ernst, Thomas (2002) *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Haegeman, Liliane (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell.
- Hornstein, Norbert (1999) *Control as Movement*. *Linguistic Inquiry* 30 (1), pp. 69-96
- Johanessen, Janne Bondi (1998) *Coordination*, Oxford: Oxford University Press.
- Landau, Idan (2003) *Movement out of control*. *Linguistic Inquiry* 34 (3), pp. 471-498
- Lobo, Maria (2002) *On the Structural Position of Non-Peripheral Adjunct Clauses*, *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (1), pp.83-118.
- Lobo, Maria (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Lobo, Maria (2013) Sujeito nulo: sintaxe e interpretação. In Raposo, Eduardo, Maria Fernanda Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura e Amália Mendes, *Gramática do Português*, vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2309-2333.
- Mateus, Maria Helena (2003) et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Matos, Gabriela (1991) Coordenação, Sujeito Nulo e Co-referência, *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*. Lisboa: APL, pp. 123-140.
- Matos, Gabriela (1995) Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe: algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas, *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 301-315.
- Matos, Gabriela (2000) Across-the-board clitic placement in Romance languages. *Probus* 12, pp. 229-259.
- Matos, Gabriela (2003) Estruturas de coordenação in Mateus, M. H., et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 549-592.
- Matos, Gabriela (2004) Coordenação Frásica vs. Subordinação Adverbial, *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 555-567.
- Matos, Gabriela (2006) *Coordenação, Subordinação e adjunção*, Lição de Síntese apresentada nas Provas de Agregação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Matos, Gabriela (2009) Appositive sentences and the structure(s) of coordination. In *Tork, Danièle & Leo Wetzels (eds.) Romance Languages and Linguistic Theory 2006*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 159-174.
- Munn, Alan Boag (1992) *A null operator analysis of ATB gaps*, *The Linguistic Review* 9, pp. 1-26
- Munn, Alan Boag (1993) *Topics in the Syntax and Semantics of Coordinate Structures*, Dissertação de Doutoramento, University of Maryland.
- Munn, Alan Boag (1999) *First conjunct agreement: Against a clausal analysis*, *Linguistic Inquiry*, (30), pp. 643-668.
- Nunes, Jairo (2001) *Sideward movement*. *Linguistic Inquiry* 31, pp. 303-344.
- Nunes, Jairo (2004) *Linearization of Chains and Sideward Movement*. *Linguistic Inquiry Monograph* 43. MIT Press: Cambridge, MA.
- Reinhart, Tanya (1976) *The syntactic domain of anaphora*, Dissertação de Doutoramento, MIT.